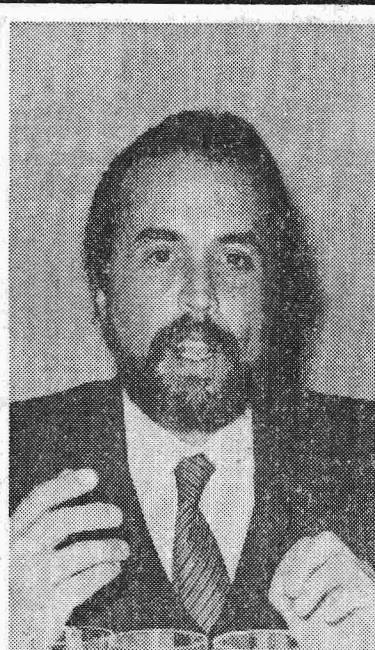


POLÍTICA ECONÔMICA

Empresários refutam idéia de recessão

A opinião de cada um**A política da torneirinha é mais eficaz**

Horácio Cherkasski, presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, não quer nem pensar na hipótese de o governo vir a adotar medidas para reduzir ainda mais o ritmo da economia. "Defender essa idéia seria o mesmo que cavar um buraco no chão para me enterrar", afirma. Ele acha que o governo deve retomar sua proposta original de administrar a economia para evitar o excesso de oferta de dinheiro e, ao mesmo tempo, a ameaça da recessão profunda, ou seja, "a antiga política da torneirinha". Para Cherkasski, a equipe econômica foi lenta em suas reações e permitiu que a atividade em alguns setores recuperasse o vigor original. A indústria de embalagens, informa, já trabalha com 100% de sua capacidade.



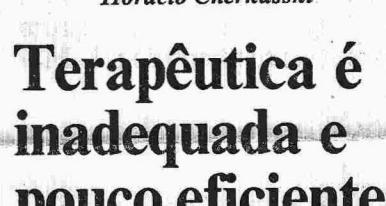
Paulo Roberto Butori



Edmundo Klotz

Não existe mais gordura para queimar

Edmundo Klotz, presidente da Associação Brasileira da Indústria da Alimentação (Abia), considera indefensável a terapêutica da recessão para conter a alta dos preços. "Significaria agravar o desemprego e ameaçar a sobrevivência de muitas empresas", afirma. Klotz se diz cada dia mais assustado com as condições da conjuntura econômica. "Não estamos mais em situação de queimar gorduras", adverte. O empresário acha que a questão da política salarial tem de ser resolvida de alguma forma. "É inacreditável que o governo pense em regulamentar a livre negociação", diz. Ele também não vê lógica na tentativa de garantir preços nas prateleiras dos supermercados com o corte da liquidez.



Celso Hahne

Ministra quer apenas inibir ação sindical

Celso Hahne, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Materiais Plásticos (Abiplast), não acredita que a equipe econômica do governo cumpra a ameaça de aprofundar a recessão para combater a tendência de alta dos preços. "Acho que o presidente Collor não deseja isso", diz. "Se a receita for aplicada, certamente irá contribuir para eleger um Congresso de oposição e, com isso, ampliar as dificuldades de negociação com o Legislativo." Para o empresário, as declarações da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, de que impõr um aperto monetário e fiscal para neutralizar os efeitos da indexação dos salários, caso seja adotada, têm apenas o objetivo de inibir as pressões das lideranças sindicais.



Roberto Macedo

Crescem as críticas contra a redução deliberada da atividade econômica

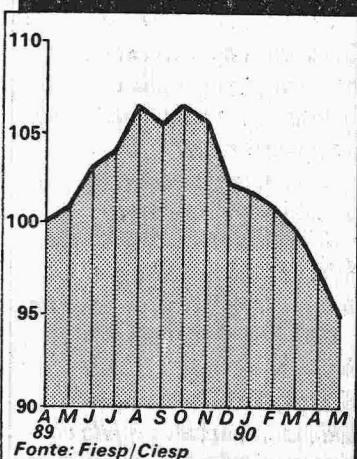
ISABEL DIAS DE AGUIAR

Os empresários não querem nem ouvir falar em recessão profunda como fórmula de ataque à retomada da inflação. Embora concordem com a tese de que o desaquecimento brando da atividade econômica é terapêutica adequada e desejável, importantes dirigentes da classe empresarial não se mostram dispostos a enfrentar um novo período de queda de vendas e de produção, como o de 1981 a 1983, quando somente em São Paulo a indústria demitiu 440 mil trabalhadores.

A ameaça feita pela ministra Zélia Cardoso de Mello, da Economia, de que combaterá a indexação dos salários e seus efeitos sobre os preços com o arrocho monetário fiscal, também merece a reaprovação de alguns economistas. Para eles, o recurso da recessão, caso venha a ser adotado, servirá para comprovar que já não há outros instrumentos de política econômica e, com isso, para a sociedade constatar que o Plano Collor resultou em fracasso.

Emprego em baixa

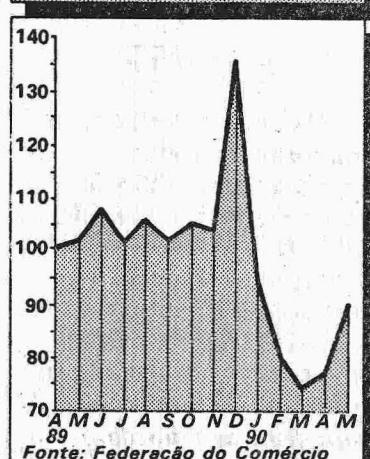
Nível de emprego na indústria paulista, abril de 1989-1990



Fonte: Fiesp/Ciesp

Vendas caem

Variação das vendas na região metropolitana de São Paulo, abril/89 = 100



Fonte: Federação do Comércio

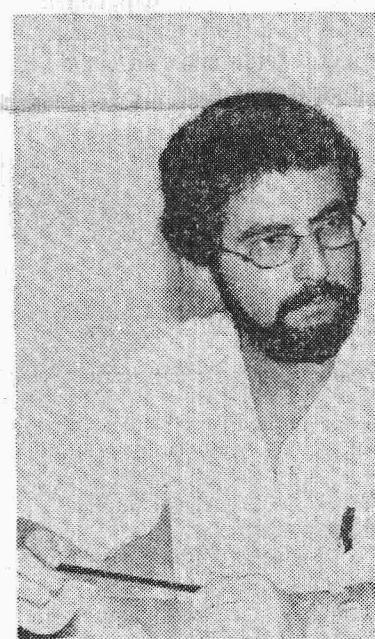
ArteEstado

estavam deprimidas nos primeiros meses de 1990 (ver o gráfico). Levantamento sobre o nível de emprego na indústria paulista, feito pela Fiesp, mostra que o setor produtivo iniciou o seu ajuste no final de 1989, numa tentativa de equilibrar a oferta de bens a um mercado em declínio. Sem produção em volume suficiente para diluir os custos de produção e com as taxas de juros em alta, a tendência das empresas será elevar seus preços e frustrar a política recessiva para o controle da inflação.

Dados da Federação do Comércio do Estado de São Paulo indicam que as vendas no varejo já

Política pode conduzir à revolta social

Paulo Roberto Butori, diretor da Associação Brasileira da Indústria da Fundação (Abifa) não tem dúvidas de que brevemente o País experimentará o sabor amargo da mais profunda recessão de sua história. Para ele, a população foi enganada com a mensagem do governo de que bastariam 100 dias de sacrifícios para o total ajuste da economia. Acredita até no risco iminente de uma convulsão social, como efeito da política recessiva aplicada sobre uma economia já em declínio. "Estou com medo", afirma. Butori acha que o ritmo da economia só não está em queda livre, em direção à depressão, porque a população, desavisada, gasta mais do que deve. "O governo está cavando um buraco e pode não conseguir tapá-lo depois."



José Carlos Braga

Inflação agora é produto da desconfiança

O economista José Carlos Braga, professor da Unicamp e diretor do Instituto de Economia do Setor Público (Iesp), acha que a recessão já está em curso e torna inócuas as ameaças feitas pela equipe econômica do governo de reduzir o nível da liquidez e elevar as taxas de juros para conter os preços. "Todas as projeções sobre o desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) apontam para uma queda de 5% ao ano." Braga não considera o remédio adequado. "A inflação não é de demanda, mas fruto da descrença na estabilidade da moeda", diz. Além disso, a presença dos oligopólios no mercado permite a preservação das margens de lucro e a alta dos preços. "Acho que o diagnóstico está equivocado e o governo pode levar a economia a uma estagnação", afirma.